

O caminho de Ida¹

261



Felipe Pereira

(Universidade Federal de Santa Catarina)

O caminho de Ida, romance de Ricardo Piglia publicado em 2013 pela editora Anagrama e traduzido para o português por Sérgio Molina, começa com os últimos momentos de Emilio Renzi (*alter ego* do autor) na Argentina, antes de ir para Princeton, nos Estados Unidos, a convite da professora Ida Brown, com quem nutre uma relação que impulsionará a narrativa. O romance se passa predominantemente no universo acadêmico. Renzi vai para Princeton como professor visitante para dar aulas na Taylor University sobre a obra do escritor William Henry Hudson. No quarto capítulo, que compõe a primeira parte do livro, “O acidente”, Ida Brown morre ao manipular uma carta-bomba. O título dessa parte faz referência à versão sustentada pela polícia até o momento em que o crime é desvendado.

1 Ricardo Piglia. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, 248 páginas

Quando Renzi acaba de sair de uma de suas aulas, escuta pelo rádio que o jornal *The New York Times* havia recebido uma carta enviada por um grupo anarquista chamado Freedom Club, cujas iniciais FC remetiam à sigla inscrita nas chapas de metal encontradas em todas as cartas-bomba do que a partir desse momento aparentava ser uma série de atentados, da qual o suposto acidente de Ida talvez fizesse parte.

No final do sétimo capítulo, Renzi fica sabendo através de Ralph Parker, detetive particular contratado para investigar a morte de Ida Brown, que o Freedom Club havia enviado uma segunda carta para o *New York Times* e que nessa carta havia uma nota manuscrita em que se negociava o fim dos atentados com a principal condição de que um manifesto sobre a sociedade industrial e o seu futuro pudesse ser publicado nos jornais *The New York Times* e *The Washington Post*. Até esse momento, não é possível saber se o Freedom Club é um grupo ou um *serial killer* agindo como se pertencesse a algum grupo.

Finalmente, o autor dos atentados é identificado como Thomas Munk, um ex-estudante de Harvard. O próprio Piglia declarou em “Por la vuelta”² que o romance foi inspirado no caso Unabomber³. “Me encontrei com a história do Unabomber, porque eu estava lá quando aconteceu. E aí começaram a aparecer as possibilidades de revisar o mundo dos norte-americanos que vão embora da sociedade”. Piglia foi professor de literatura em Princeton não somente no final da década de 1980 como também entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, época em que, segundo Arcadio Díaz Quiñones⁴, lecionou em Harvard e na Universidade da Califórnia, em Davis. Ainda em “Por la vuelta”,

2 Entrevista concedida a Fernando Bogado e publicada em agosto de 2013 na seção “Radar libros” deste site: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/libros/10-5102-2013-08-19.html>.

3 De “Unabomber recebe quatro perpétuas”, reportagem publicada no caderno “Mundo” do jornal *Folha de São Paulo*, no dia 5 de maio de 1998, foi retirado este trecho: “O professor de matemática norte-americano Theodore Kaczynsky, 55, que admitiu na Justiça ser o Unabomber, foi condenado ontem à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. [...] Ele enviou 18 cartas-bomba entre 1978 e 1995, matando três pessoas e ferindo 23. O tribunal decidiu também que Kaczynsky terá de dar às famílias das vítimas parte do dinheiro que possa vir a receber com entrevistas ou livros. A identidade do Unabomber foi descoberta em setembro de 95, após a publicação no *The New York Times* e no *The Washington Post* de um manifesto no qual ele discorria sobre seu ódio à tecnologia. David, irmão de Kaczynsky – que vivia isolado em uma cabana –, suspeitou do matemático e alertou a polícia, que o prendeu.”.

4 Cf. DÍAZ QUIÑONES, Arcadio. Ricardo Piglia: *Los años de Princeton*. Disponível em: <http://www.80grados.net/wp-content/uploads/Ricardo%20Piglia-Princeton.pdf>.

quando questionado sobre a importância dos lugares geográficos escolhidos para a construção de seus romances, Piglia diz que escreve sobre lugares em que viveu. “Interessava-me saber se era possível transformar a experiência dos Estados Unidos, a partir do diário que venho escrevendo há bastante tempo, em um romance”.

Não é necessário descrever a relação entre o criminoso Thomas Munk de *O caminho de Ida* e Unabomber, mesmo porque essa relação já está dada por Piglia, cabendo à ficção operar aquilo que, em “Sobre el género policial” de *Crítica y ficción*, chama de preenchimento dos “rastros vazios do real” (PIGLIA, [1986] 2000, p. 68). Em *O caminho de Ida*, a personalidade de Thomas Munk será apresentada tanto pelas informações levantadas por Parker, quanto por relatos à imprensa de pessoas (personagens) com as quais convivia. Por volta dos anos sessenta, Munk decide abandonar a universidade para viver isolado em uma cabana nos bosques do estado norte-americano de Montana.

Piglia irá propor o argumento central de seu romance ao relacionar a história de Munk com a história de um personagem de outro romance, *The Secret Agent*, de Joseph Conrad. No livro de Conrad, a exemplo de Unabomber e conseqüentemente de Munk, há um personagem ex-professor que abandona a carreira acadêmica por motivações ideológicas para dedicar-se ao crime. Vale destacar a maneira como Piglia tece tal relação. Antes de morrer, Ida esquece o romance de Conrad na sala de Renzi durante aquele que seria o último encontro dos dois. Ao lê-lo, Renzi procura interpretar alguns trechos grifados por Ida. Nesse momento do romance, os primeiros nós do conflito fundamental da história, o suposto acidente de Ida Brown, são trazidos novamente à tona e ampliam os sentidos do que é apresentado como um caminho construído por Munk, percorrido por Ida e identificado por Renzi. Dessa maneira, Piglia deixa o romance de Conrad entrar em sua narrativa. Renzi se concentra então em uma página (p. 35) grifada por Ida no início do livro de Conrad, onde a atenção da trama é desviada para o personagem ex-professor.

Segundo Renzi, o grande tema de Conrad é a decisão de mudar de vida, aspecto não só presente como preponderante na constituição do personagem Thomas Munk. Esse seria apenas mais um dos pontos em comum entre o personagem de Conrad e Munk. Renzi chega à conclusão de que a morte de Ida havia sido interpretada pela polícia como um caso

aparte à série de atentados, porque somente a partir da leitura do romance de Conrad seria possível entrever uma relação entre Ida e Munk. Ida, por sua vez, teria descoberto a identidade do autor dos atentados ao ler o romance de Conrad. Tal descoberta passou a representar uma ameaça para Munk na medida em que colocava em risco o sigilo de suas ações. A partir desse raciocínio, Renzi conclui não ser possível que Ida tenha descoberto a identidade do criminoso sem que tivesse conhecido Thomas Munk. Somente um leitor calejado seria capaz de revelar a trama que liga Thomas Munk a Ida Brown e é nesse sentido que Renzi assume um papel em que não há mais distinção entre leitura e investigação.

Seria o caso de dizer que em *O caminho de Ida*, Emilio Renzi encarna a figura de um narrador-personagem cuja ação está situada precisamente entre a atividade do crítico e a do detetive. Isso porque a trama se desenvolve a partir de dois núcleos: um crime e um livro que revela para Renzi as motivações desse crime. Por esse motivo, uma das leituras possíveis de *O caminho de Ida* deverá se concentrar na metáfora que vem sendo estabelecida por Piglia entre os pares representados pelas figuras do crítico/detetive x escritor/criminoso, desde “Homenagem a Roberto Arlt”. Em “La lectura de la ficción” de *Crítica y ficción*, Piglia descreve a relação a partir da qual propõe essa metáfora: “Em mais de um sentido o crítico é o investigador e o escritor é o criminoso. [...] A representação paranoica do delinquente que apaga seus rastros e cifra seus crimes perseguido pelo crítico, decifrador de enigmas” (2000, p. 14-16).

Essa leitura, portanto, passa pela hipótese de que há uma continuidade entre os textos ficcionais e críticos de Piglia. Continuidade essa que tende a problematizar as fronteiras entre os discursos crítico e ficcional, uma vez que Piglia não se limita a traçar uma aproximação entre crítico e detetive de um lado, escritor e criminoso de outro, senão que também questiona supostas diferenças entre tais atividades. “Homenagem a Roberto Arlt”, por exemplo, é um conto em que seu narrador-personagem, que não tem outro nome senão Ricardo Piglia, diz tratar-se de um relato sobre a compilação de textos inéditos de Roberto Arlt. Entretanto, Jorge Fornet afirma em “Homenaje a Roberto Arlt o la literatura como plagio”, ensaio fundamental sobre o conto, que Piglia escreve uma “ficção disfarçada de pesquisa bibliográfica” (FORNET, 1994, p. 115). A história na qual se relata minuciosamente esse trabalho de pesquisa é

a primeira do texto, que antecede “Luba”, conto o qual, segundo Piglia, seria um inédito de Arlt. Em “Homenagem a Roberto Arlt”, “a primeira parte, portanto, é a história de uma descoberta; a segunda é o conto propriamente dito, que se reproduz tal como se tivesse saído da pena de Arlt” (1994, p. 115). Ou seja, trata-se de um conto que contém, em seu interior, outro conto.

Há um jogo proposto pela escolha do nome do livro em que “Homenagem a Roberto Arlt” foi publicado: *Nome falso*. Isso porque as questões da “falsificação” e da “propriedade” são, nesse caso, apresentadas sob vários aspectos. O nome da prostituta que protagoniza o conto/apêndice, “Luba”, é falso, e ainda é falsa a autoria atribuída ao conto: ao contrário do que diz o narrador, o autor do conto não é Arlt, mas ele mesmo, Piglia. Segundo Fonet, nem mesmo Piglia é o autor do conto uma vez que tal narrativa seria um plágio de outro conto, “Las tinieblas”, do escritor russo Leonidas Andreiev. Consequentemente, “Homenagem a Roberto Arlt” é uma ficção que desafia a pesquisa porque se apropria do discurso da crítica. Quando Piglia propõe ao leitor um relato sobre uma investigação, está, ao mesmo tempo, criando novos rastros/pistas a partir da descrição de suas descobertas. Assim, o papel do narrador é ambivalente entre a investigação e o crime, tal qual propõe Fonet no ensaio citado: “Não produz aqui, por conseguinte, nenhuma relação de cumplicidade com o leitor. O narrador-detetive termina transformado em criminoso.” (p. 124-125).

Em “Notas sobre Brecht”, ensaio crítico publicado em 1975 no número 40 da revista *Los libros*, Piglia já marcava o tom de uma crítica cujos traços podem ser lidos também em “Homenagem a Roberto Arlt”. Isso porque a leitura de *El compromiso en literatura y arte*, “Novedades formales y refundalización artística” de *Estética y Marxismo* e “Las tareas de la nueva crítica”, de Bertolt Brecht, está cruzada pela leitura de Piglia à obra de Roberto Arlt. A ideia em Brecht de uma crítica materialista que reivindique uma prática literária comprometida com a luta de classes está diretamente ligada ao questionamento feito por Piglia à propriedade privada e consequentemente à propriedade intelectual. Por esse motivo, em “Homenagem a Roberto Arlt” as pistas que Fonet se propõe a desvendar em seu artigo supracitado levam à descoberta de apropriações, falsificações e, por fim, de um plágio. A indistinção proposta por Piglia entre os pares crítico/detetive x escritor/criminoso deve ser lida,

nesse sentido, como uma extensão de sua crítica à noção de propriedade.

Devemos, entretanto, nos concentrar na maneira como Piglia permanece inscrevendo seu discurso, agora em *O caminho de Ida*, no marco de uma tradição que já havia definido no referido ensaio “Sobre el género policial” de *Crítica y ficción* como a série negra do romance policial. O texto foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1976, no número 30 da revista *Crisis*, ou seja, menos de um ano após a publicação de “Notas sobre Brecht”. A posição teórica assumida por Piglia se fundamenta numa distinção proposta por ele mesmo entre a série negra e o “romance policial inglês”. Para Piglia, na vertente tipicamente inglesa do gênero policial “se valoriza, antes de tudo, a onipotência do pensamento e da lógica imbatível dos personagens encarregados de proteger a vida burguesa” (PIGLIA, 2000, p. 68). Em relação à série negra, ao citar escritores norte-americanos como Dashiell Hammet, Raymond Chandler e Ed McBain, Piglia diz que o detetive aí “[...] não parece ter outro critério de verdade além da experiência: [...] se deixa levar pelos acontecimentos e sua investigação produz fatalmente novos crimes” (2000, p. 68).

Em torno dessa tradição, mas sem se referir especificamente à série negra, Piglia fala sobre seu trabalho novamente em “Por la vuelta”. Questionado sobre o fato de *O caminho de Ida* não chegar a ser “um relato detetivesco”, mas ao mesmo tempo recorrer a traços do gênero, Piglia diz que considera a sociedade criminosa. “Quando não escrevemos romances policiais é porque estamos desviando da lógica das relações que há no mundo. [...] O (gênero) policial, sem dar nomes próprios, está sempre dizendo que o que há é a corrupção [...] não há moral”. Pouco depois, para concluir, diz Piglia: “Mas não escrevo romances policiais”. Sua resposta, além de provocadora, é mais uma maneira de dizer que o crime é a base da sociedade capitalista. Se for esse o caso, a própria noção de crime já não se sustenta nessa sociedade onde todos são criminosos.

Em *O caminho de Ida* diferentemente do que ocorre em “Homenagem a Roberto Arlt”, é o ficcionista Piglia que cria as pistas. A transgressão do narrador, Renzi, consiste em delitos como o suborno em troca de informação, de acesso a locais restritos e no próprio relato, onde questiona a criminalidade do criminoso. Isso porque o narrador parece identificar-se em certa medida com a ideologia de Munk, sem

que com isso justifique seus crimes. Renzi não faz nenhuma objeção quanto às afirmações contidas no manifesto. A noção de uma aliança denunciada por Munk entre os modos de produção da sociedade capitalista e os avanços tecnológicos proporcionados pelo desenvolvimento da ciência remetem à crítica feita por Piglia, a partir de Brecht, à relação estabelecida entre esses mesmos modos de produção e a cultura. Se para Piglia e Brecht, a crítica literária e a crítica de arte, de modo geral, impõem às massas a ilusão de uma arte livre acima da luta de classes, para Munk, uma suposta liberdade de pesquisa no âmbito acadêmico deve ser questionada sob a mesma perspectiva. Contudo, ao contrário do que diz na entrevista citada acima sobre não escrever romances policiais, Piglia permanece inscrevendo seu discurso na variante definida como a série negra do gênero.

REFERÊNCIAS

FORNET, Jorge. “Homenaje a Roberto Arlt o la literatura como plagio”. *Nueva revista de filología Hispánica*. Tomo 42, n. 1, p. 115-241, 1994.

PIGLIA, Ricardo. “Notas sobre Brecht”. *Los libros*, n. 40, p. 4-9, mar.-abr. 1975.

_____. *Nombre falso*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1975.

_____. *Nome falso*. São Paulo: Iluminuras, 1988.

_____. *Crítica y ficción*. 3ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 1986.

_____. *El camino de Ida*. 1ª ed. Barcelona: Anagrama, 2013.

_____. *O caminho de Ida*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das letras, 2014.